

Espiritualidade e Personalidade

Lothar C. Hoch

1 – INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é abordar tão somente um aspecto do tema "Espiritualidade". Quero refletir teologicamente sobre a dimensão humana da espiritualidade sob a perspectiva da psicologia pastoral. Estou ciente de que a espiritualidade é um tema complexo que envolve muitos aspectos e que, por isso mesmo, o enfoque que pretendo fazer é necessariamente um enfoque parcial. Faço questão de enfatizar isso no início da minha exposição, para, de antemão, evitar quaisquer mal-entendidos, como por exemplo a suspeita de que eu esteja querendo reduzir a espiritualidade a um fenômeno meramente psicológico e intra-humano. A vantagem de um "Ciclo de Palestras", como nós o instituímos em nossa Faculdade de Teologia, oferece a possibilidade de se abordar um mesmo tema sob os mais diferentes ângulos. Desse modo, o tema "Espiritualidade" foi abordado pelos palestrantes que me precederam sob o ponto de vista das ciências religiosas, sob o ponto de vista bíblico, sob o ponto de vista sociológico, sob o ponto de vista da teologia sistemática e da teologia prática. É justo, pois, que também se faça uma reflexão sobre o tema a partir da perspectiva da psicologia pastoral.

É possível, é admissível que a espiritualidade tenha algo a ver com a personalidade? Procurarei mostrar que de fato existe uma relação entre a espiritualidade e a personalidade. Sei que ao abordar essa questão estou pisando num terreno bastante escorregadio, mas mesmo assim me sinto desafiado a arriscar algumas colocações sobre o assunto.

Antes de entrar no desdobramento da problemática proposta, quero, a título provisório, definir o que entendo por personalidade e por espiritualidade. Personalidade é a maneira particular e específica de uma pessoa ser pessoa. Espiritualidade é a maneira concreta como uma pessoa vive a sua fé cristã.

2 – A RELAÇÃO ENTRE O FALAR DE DEUS E O FALAR DO HOMEM

Nos últimos anos está se impondo de maneira crescente, nas ciências de modo geral, a tendência de se procurar ver e analisar a

realidade como um todo, como uma unidade. Quando se examina um determinado aspecto duma questão, se procura ver o quadro todo e como esse um aspecto se relaciona com os demais fatores que constituem a realidade. Está-se tentando evitar o dualismo. Como exemplo disso cito o estruturalismo, cujo principal representante é Claude Lévi-Strauss. O estruturalismo procura descobrir uma estrutura comum atrás de fenômenos, à primeira vista totalmente diversos e até mesmo antagônicos. Antropologia estrutural é por isso mesmo definida como "pesquisa do sentido dos conjuntos" (1). Na área das ciências psico-sociais quero mencionar o nome de Kurt Lewin, o qual procurou mostrar que não podemos separar causas isoladas como determinantes da nossa maneira de pensar e agir, mas que devemos tentar conceber a nossa maneira de ser como o resultado duma confluência de fatores os mais diversos, que atuam sobre nós. Dentre os teólogos quero mencionar aqui tão somente o nome de Paul Tillich e o seu método de co-relação. Segundo Tillich o falar de Deus e o falar do homem não são grandezas que se excluem mutuamente, mas estão intimamente relacionados um com o outro. Para o tema concreto que estamos tentando focalizar, isso significa que não podemos entender a espiritualidade de alguém, sem levar em consideração todos os fatores biográficos, culturais, sociológicos, psicológicos e teológicos que convergem na constituição da pessoa humana. Negar isso é negar a historicidade e a dinamicidade da pessoa humana. Negar que a fé tem algo a ver com o contexto, dentro do qual ela se articula e se expressa, seria negar totalmente a responsabilidade humana de reagir e se decidir frente ao Evangelho. Se a fé e a espiritualidade não implicassem também numa parcela de responsabilidade humana, "acabariamos com a personalidade do homem e salvação ou perdição passariam a ser destinos, frente aos quais o homem poder-se-ia sentir apenas como uma peça de um jogo não feito por ele" (2).

De fato, se acompanharmos a evolução da espiritualidade assim como ela nos é testemunha através da Sagrada Escritura, será fácil constatar que, em meio a elementos que permaneceram constantes e inalterados, também se poderão observar mudanças significativas de acordo com a época, a localização geográfica e a situação histórica em que a fé era articulada. Assim, por exemplo, no Antigo Testamento se pode observar que, enquanto os israelitas eram um povo nômade que peregrinava entre o deserto e a terra cultivada a procura de pastagens para seus rebanhos, a ênfase no

(1) Claude Lévi-Strauss, *L'arc Documentos* (São Paulo 1968), pág. 10.

(2) Gottfried Brakemeier, *A Carta aos Romanos* - polígrafo (São Leopoldo 1975), pág. 15.

Deus do êxodo, que acompanha o seu povo onde quer que ele ande, se faz notar com muita clareza. Mais tarde, quando o povo já apresentava características mais sedentárias, quando já se havia centralizado o culto e construído o templo em Jerusalém, passou a se adorar Javé de forma mais evidente como um Deus que escolheu o templo como a sua morada e o monte Sião como o lugar a partir do qual ele julgará os povos e as nações (Sl 84; Is 2.1-5). Também no Novo Testamento não há como negar que a fé cristã, no momento em que, através da missão entre os gentios, ultrapassou as fronteiras do judaísmo e entrou em contato com o mundo helenístico, sofreu uma série de transformações que aqui não precisam ser enumeradas.

Esses exemplos mostram que a espiritualidade tem, ao lado da sua dimensão espiritual, divina e transcendente, também o seu lado humano, histórico e imanente. Não faz muito tempo, porém, que a teologia, principalmente sob a influência de Karl Barth, considerava-se no dever de tratar todos os fenômenos da existência humana como absolutamente secundários e ateológicos e, portanto, se entendia que não mereciam ser levados em consideração para uma descrição dogmática do que seja espiritualidade e fé cristã. Na Teologia Prática, todavia, se impõe cada vez mais o reconhecimento de que os assim chamados "fatores não-teológicos", que são objeto de atenção da sociologia e da psicologia, não podem ser simplesmente deixados de lado, quando se reflete teologicamente sobre o homem e sua relação com Deus. Isso significa que, quando se fala em espiritualidade precisa-se, por um lado, falar de Deus e, por outro lado, falar do homem. Se é verdade, pois, que "só se pode definir 'Espiritualidade' a partir do Espírito Santo" (3) é igualmente verdade que só se pode definir espiritualidade a partir do homem que crê. Pois quando se fala da fé, e quando se fala de Deus precisa-se necessariamente falar do homem. É com razão que Gerhard Ebeling afirma: "A teologia que se orienta na fé não pode fazer de Deus seu tema sem que com isso também tenha o homem como tema e, de semelhante modo, não pode ter o homem como tema sem que tenha Deus como Tema" (4). Quando se reflete sobre espiritualidade precisa-se, portanto, levar em consideração tanto o objeto da fé como o sujeito da fé. Cito G. Ebeling mais uma vez: "Quando se quer falar da realidade da fé, é necessário que se acrescente a pessoa que crê, pois ela é atingida pela dádiva da fé. O

(3) Hermann Brandt, *Espiritualidade. Um tema atual*, (São Leopoldo 1978), pág. 4

(4) Gerhard Ebeling, *Das Wesen des christlichen Glaubens* (Tübingen 1959), pág. 134.

eu da fé tem que se evidenciar" (5).

O fato de se falar aqui do "eu da fé" não significa, em momento algum, que se esteja querendo interpretar a fé e a espiritualidade cristãs como sendo um ato meramente humano. No vocabulário luterano isso seria um grotesco exemplo de justificação por obras. Não. A fé resulta da ação do Espírito Santo. Fé é graça. Espiritualidade é graça. Leio aqui a explicação de Lutero sobre o 3º artigo: "Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou ..." (6). Isto é importante ter presente, pois não podemos esquecer que o "eu da fé" também é o "eu" que não crê, o "eu" que se rebela contra Deus, o "eu" que até se atreve a querer se colocar no lugar de Deus (7). Mas apesar de tudo isso, é necessário, é vital até, que se continue falando do "eu da fé", pois é na esfera humana que acontece a ação do Espírito Santo; é sobre o "eu" humano que incide o "Tu" divino. E é este mesmo "eu" humano, com todas as suas contradições, que reage ao Espírito de Deus e se expressa através da espiritualidade.

Se portanto, é justo que, de um lado se diga, que a finitude humana não é capaz de conter, de abarcar a infinitude divina, é igualmente justo que, por outro lado, se diga que a infinitude divina não nos é acessível a não ser na finitude humana. E é sobre essa dimensão humana da espiritualidade que pretendo passar a falar de modo especial daqui para frente.

3 – RELAÇÃO ENTRE ESPIRITUALIDADE E AS RELAÇÕES PRIMÁRIAS

Numa das recentes visitas que fiz à penitenciária, encontrei uma mãe que na mesma ocasião estava visitando seu filho na prisão. No decorrer da conversa, perguntei a essa mãe como tinha acontecido que o seu filho acabou atrás das grades. A mãe contou que para ela isso se constituía num verdadeiro mistério, já que ela criou esse filho com tanto amor e carinho como os demais três filhos que ela possui. Ela não conseguia entender porque os outros filhos "deram bons", como ela afirmou literalmente, e que este um já

(5) op.cit., pág. 136.

(6) Comissão Interluterana de Literatura, Livro de Concórdia. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana, tradução e notas de Arnaldo Schüller (São Leopoldo: Porto Alegre 1980), pág. 371.

(7) Gerhard Ebeling, op.cit., pág. 138.

desde pequeno só dava problemas para ela. E ela contou uma série de episódios que envolveram o filho em atos criminosos desde a idade escolar, passando pela juventude até a idade adulta. O que me impressionou é que esta mãe não desistiu em momento algum de dar apoio e afeto para o seu filho. Ela há anos o vinha visitando no presídio, regularmente, duas vezes por semana. Numa certa altura ela disse emocionada: "Eu não entendo por que meu filho é tão rebelde e por que ele, apesar de tudo o que faço por ele, continua achando que ninguém gosta dele". E neste contexto ela mencionou que o havia adotado com a idade de um ano. Não quero dizer com isso que filhos adotivos precisem necessariamente transformar-se em crianças problemáticas. Eu poderia citar inúmeros exemplos que provam o contrário. Quero tão somente chamar a atenção para o fato de que os primeiros anos e os primeiros meses de vida de uma criança se constituem em um período-chave para o desenvolvimento posterior da personalidade e, inclusive, da espiritualidade dum pessoa. Nesse caso particular, a conversa posterior com a mãe mostrou que esse filho tinha passado, em seus primeiros meses de vida, por uma série de privações físicas e afetivas e que havia feito traumáticas experiências de rejeição por parte dos seus pais físicos.

A pesquisa sobre a socialização (8) tem mostrado de forma insofismável que cada experiência, cada impressão sensorial, especialmente da primeira infância, continua armazenada no fundo do nosso ser, nos porões da nossa existência. E essas experiências, quer queiramos quer não, influenciam nossa maneira de ser, inclusive a nossa maneira de crer e de expressar nossa espiritualidade. Não concordo com Sigmund Freud, quando afirma que "a relação pessoal com Deus depende da relação pessoal com o pai físico ... e que no fundo Deus não é outra coisa que a projeção de um pai ideal (9). Não concordo em sentido psicológico com essa afirmação, porque o relacionamento de uma pessoa ou de um grupo com Deus é algo muito mais complexo e que envolve uma gama de outros fatores. Mas eu também não concordo com a tese de Freud por razões teológicas, a saber, eu não creio que nós criamos Deus à nossa imagem, mas que Deus nos cria à sua imagem (Gn 1.27).

Essa última afirmação, que, aliás, é um credo de fé, não pode, por outro lado, tornar-nos cegos para os fatores humanos

(8) Dentre os principais expoentes dessa pesquisa cito tão somente o nome de Erik Erikson, *Identität und Lebenszyklus* (Frankfurt 1973) e *Kindheit und Gesellschaft* (Stuttgart 1971).

(9) Totem e Tabu, citado em Ingrid Adam, *Untersuchung über die Beziehung zwischen Gottesvorstellung und dem Erleben väterlicher Autorität in der Kindheit*, em: *Wege zum Menschen* 28, 1976, pág. 190s.

que se infiltram em nossa vida de fé e dão um colorido e uma característica bem singular e especial à espiritualidade de cada um de nós. Assim, por exemplo, não se pode negar que, em muitos casos, uma educação rígida, repressiva e autoritária pode ter como conseqüência uma fé marcada pelo medo de um Deus severo, que castiga, que proíbe todo e qualquer tipo de liberdade. A isso se junta normalmente um exagerado medo do juízo final e do inferno. A própria biografia de Lutero é prova cabal desse tipo de experiência. Testes feitos com crianças e adolescentes em fase de freqüentar o ensino confirmatório não só confirmaram uma nítida relação entre os sentimentos que tinham diante do pai e os sentimentos que exterminavam frente a Deus. Esses estudos revelaram também que uma educação autoritária e fortemente determinada por uma figura patriarcal também contribui para que Deus seja imaginado como um ente de características predominantemente masculinas (10).

Pesquisas mais recentes têm revelado que não só as relações primárias com o pai, mas também o relacionamento com a mãe influenciam os padrões de espiritualidade e a maneira de nos relacionarmos com Deus. É através da relação com a mãe que a criança normalmente desenvolve a capacidade de confiar num "tu" que a protege, alimenta, lhe dá segurança e amparo. De fato, uma criança recém-nascida é uma criatura totalmente dependente. A sua sobrevivência e o seu bem-estar dependem exclusivamente de uma relação confiável que ela normalmente vê personificada na pessoa da mãe. É a partir da perseverante, dedicada e constante intervenção salvadora da mãe que o recém-nascido vence o seu profundo receio de ser abandonado e passa paulatinamente a desenvolver um rudimentar sentimento de confiança e de segurança. E. Erikson fala aqui de "Ur-Vertrauen" que poderíamos traduzir por "confiança primária" ou "confiança elementar" (11). Essa experiência marcante, de que existe uma instância confiável que dá proteção e guarida, é de uma importância decisiva para o desenvolvimento posterior de uma fé que sabe confiar e se entregar por inteiro nas mãos de Deus, mesmo em situações de sofrimento e adversidade. Certamente não é por acaso que na tradição bíblica se tenham conservado passagens, ainda que raras, que fazem referência explícita a Deus através da simbologia da mãe. Assim, por exemplo, lemos em Isaías 66.13: "Como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei".

(10) Cf. Ingrid Adam, op.cit., pág. 190ss.

(11) Michael Klessmann, *Identität und Glaube. Zum Verhältnis von Psychischer Struktur und Glaube* (Münster 1978), pág. 92ss; cf. também pág. 225, 234ss, 240.

Por outro lado, onde um ser humano, quer na sua primeira infância, quer mais tarde, foi privado de uma tal experiência de proteção e segurança, como uma tal pessoa saberá que existe uma instância, na qual se pode confiar? Donde se alimentará a sua capacidade de crer num Deus de amor? Talvez não seja de todo inexplicável que para a grande tristeza dessa mãe, da qual falei acima, o filho se confesse ateu. E, o que dizer do fato de na Fundação de Bem Estar do Menor – FEBEM, em Porto Alegre, onde menores abandonados e já delinquentes se acotovelam às centenas em absoluto esquecimento afetivo, as paredes internas das suas precárias celas estarem rabiscadas com frases clamando pela mãe? Existirá porventura uma relação entre a cruel experiência do sentimento de abandono por parte da mãe e do restante da sociedade com o sentimento de abandono por parte de Deus?

Em última análise não podemos saber até que ponto e em que proporção também a nossa maneira de nos relacionarmos com Deus e a nossa espiritualidade estão influenciados pelas nossas experiências primárias, quer com o pai, quer com a mãe ou pelas tantas outras experiências positivas e negativas que temos feito pela vida afora. Além disso, convém frisar que a maneira como nós vemos Deus ainda não diz nada sobre a pergunta como Deus é de fato. O que permanece é a sua advertência de que não façamos Dele nenhuma imagem ou semelhança do que existe em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. (Êx 20.4). Se, todavia, mesmo assim as fizermos, e me parece pouco provável que consigamos evitar isto de todo, então, ao menos saibamos que, na verdade Deus é diferente da imagem que dele tivermos feito. Saibamos também que ele supre as nossas deficiências e que o seu amor vai além das experiências negativas que porventura tivermos feito em nossa socialização.

4 – A RELAÇÃO DINÂMICA ENTRE ESPIRITUALIDADE E PERSONALIDADE

Se está correta a nossa tese de que a espiritualidade resulta da co-relação entre o divino e no humano, ou seja, que ela se desenvolve a partir do encontro da ação do Espírito Santo e das nossas experiências humanas, então se torna necessário focalizar um pouco mais de perto a dinâmica que permeia esse processo. Quando acima falei sobre o "eu da fé", posso ter dado a impressão de estar desenvolvendo um conceito individualista do ser humano. É necessário, pois, que também esse assunto seja melhor esclarecido.

A espiritualidade nasce da comunhão com Deus e da comunhão com as pessoas. O Espírito Santo como "arquiteto da comunhão" (12) pressupõe a comunidade como lugar vivencial da espiritualidade. A espiritualidade não resulta de um estar possuído por uma substância divina, pois o Espírito age de forma mediada. A comunidade é a forma da mediação do Espírito. A espiritualidade, por sua vez, é uma forma de se viver comunidade. De semelhante modo, sendo a pessoa humana um ser social, também a personalidade não se desenvolve a não ser no grupo ou em sociedade, se assim o quisermos. A pessoa humana não encontra a sua identidade, isto é, ela não descobre quem ela é, por si mesma, de modo direto. Ela se auto-descobre de maneira indireta, a saber, através dos membros do grupo social, seja no sentido mais restrito da família, seja no sentido mais amplo da sociedade à qual ela pertence (13). A pessoa humana desenvolve uma personalidade, porque ela pertence a uma comunidade, cujos valores ela assimila. Mas a pessoa humana não é só um produto do seu meio ambiente. Ela recebe as influências de fora, reorganiza-as, lapida-as e desenvolve a partir delas a sua maneira peculiar e única de ser pessoa.

Resumindo: tanto a espiritualidade como a personalidade nascem, se desenvolvem e se moldam na comunidade. Mas tanto uma como a outra podem transcender a comunidade ou um grupo social dentro do qual se formaram. O ser humano não é apenas fruto do seu passado. O ser humano é também um ser escatológico que precisa ser visto a partir do futuro, na perspectiva da esperança. Assim como a vida que nos foi dada por Deus não é algo pronto e acabado, mas um presente que a cada dia precisamos aperfeiçoar, assim também a espiritualidade que nos foi legada por nossos pais, nossos pastores e nossas comunidades não é uma posse definitiva, um bloco solidificado e imutável que tenhamos que proteger a todo o custo. A nossa espiritualidade é algo dinâmico que deve permanecer aberto à ação criadora do Espírito Santo, que constantemente faz novas todas as coisas. Uma espiritualidade sadia não é tão estática e rígida ao ponto de se fechar a experiências novas e desafiantes, com as quais a vida e a convivência com outras pessoas, até mesmo pessoas de uma orientação teológica diferente, nos confrontam. Nós não podemos nos apegar desesperadamente a um determinado modelo de espiritualidade e com este modelo interpretar tudo o que for sugerido ao longo da vida. Pois assim como a personalidade,

(12) André Droogers, *Espiritualidade: O problema da definição*, nesse número, pág. 121.

(13) Cf. G.H.Mead, citado por Wolfram Fischer, *Identität – die Aufhebung der Religion?*, em: *Wissenschaft und Praxis in Kirche und Gesellschaft* 65, 1976, pág. 141ss.

também a espiritualidade passa por processos de mudança. O próprio apóstolo Paulo reconhece que numa certa fase do crescimento espiritual dos coríntios ele teve que lhes dar leite a beber, pois ainda não suportavam alimento sólido (1 Co 3.1-2). Uma é a espiritualidade na infância, outra a espiritualidade na adolescência, ainda uma outra é a espiritualidade na velhice. Tanto a espiritualidade como a personalidade precisam ajustar-se às exigências e aos desafios que a realidade no impõe. Quando a personalidade dum pessoa evolui numa certa direção e a espiritualidade não acompanha este processo, então podem surgir problemas pessoais bastante sérios. Aqui mesmo, em nossa Faculdade de Teologia, pode-se observar às vezes este tipo de dificuldade. Quando, por exemplo, um estudante recebe na sua infância e na sua adolescência uma certa bagagem de conceitos de fé e, mais tarde, no decorrer do seu desenvolvimento pessoal e do seu estudo adquire uma maior independência e autonomia e é confrontado com conceitos teológicos que questionam a sua herança espiritual, pode entrar em crise, tanto de identidade como de espiritualidade. Surgem então dúvidas de fé, desorientação, problemas de vocação e até de falta de sentido na vida. Uma possível causa dessa crise pode justamente residir na falta de sintonia, no desnível entre a evolução de personalidade e a evolução de espiritualidade. Isso é, a pessoa passou por uma transformação psíquica e intelectual, mas a sua espiritualidade não acompanhou este processo, permanecendo fechada e preocupada em preservar a herança adquirida. Pode acontecer então que uma pessoa esteja psíquica – e intelectualmente num nível e espiritualmente noutra. Com isso a unidade da pessoa está ameaçada. Por isso, uma personalidade íntegra inclui uma forma de espiritualidade que lhe corresponda; e vice-versa, uma espiritualidade íntegra pressupõe uma personalidade que lhe corresponda. Pois a pessoa humana é um todo. A respeito disso tanto o Velho como Novo Testamento são claros, (basta lembrar, por exemplo, o conceito de "SOMA" em Paulo). Isto significa que a vida espiritual não é um compartimento especial dentro da pessoa. A vida espiritual está radicada, está diluída no todo da pessoa humana. A espiritualidade não é algo que a pessoa possui, ela é uma forma de ser e de viver. Ela faz parte intrínseca de todo o ser da pessoa. Não posso, destarte, em certas ocasiões agir de acordo com a espiritualidade e noutras ocasiões de acordo com as outras instâncias do meu ser pessoa, pois em tudo o que fazemos e em tudo o que somos, somos simultaneamente justos e pecadores, seres espirituais e humanos. Tanto a nossa espiritualidade como a nossa personalidade são instrumentos de mediação do Espírito Santo, ambos são vasos de barro, através dos quais o Espírito atua em nós.

Uma prova evidente dessa co-relação entre o espiritual e o humano pode-se observar no nosso convívio diário aqui na Faculdade de Teologia. Quando alguém aqui dentro critica ou rejeita a espiritualidade de uma pessoa ou de um grupo, essa pessoa ou esse grupo se sente rejeitado no mais íntimo do seu ser. Por ser a aceitação da espiritualidade de alguém um fato extremamente importante, por isso pessoas duma mesma linha teológica e que partilham uma mesma espiritualidade costumam se unir, se edificar mutuamente e tentar crescer juntas. Porque, ao se sentirem aceitas em sua espiritualidade, na verdade, se sentem também aceitas como pessoas. Por outro lado, atacar ou mesmo zombar da espiritualidade do outro, é atacar e zombar daquilo que de mais sagrado ele tem, a saber, aquilo que lhe dá sustento e sentido na vida. Respeitar a personalidade do outro é também respeitar a sua espiritualidade. Amar o próximo é também amar o que ele crê.

5 – CONCLUSÃO

Em si o problema da relação entre personalidade e espiritualidade, entre o divino e o humano permancerão sempre numa tensão dinâmica, enquanto se fizer teologia a partir do conceito da encarnação. Nesse sentido o próprio tema não permite que se chegue a uma conclusão. Somente a partir da esperança escatológica, e da consumação plena do Reino de Deus, onde Cristo será tudo em todos, podemos crer que nossas contradições pessoais, sociais e espirituais cheguem a um fim. Enquanto esse terpo não chegar, convém que tenhamos uma medida e um padrão para a nossa busca por aperfeiçoamento. Esse padrão é o próprio Cristo, que quer que crescamos em todas as dimensões da nossa existência, como está escrito em Efésios 4. 15-16: "mas, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é o cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado, pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo, em amor".